

O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios

Simone R. Weitzel

Analisa dois momentos marcantes na área de desenvolvimento de coleções responsáveis por sua origem e retomada nos últimos cinco anos: a explosão bibliográfica e o advento da Internet, respectivamente, bem como sua importância para a organização do conhecimento.

Palavras-chave: Desenvolvimentos de coleções, Organização do conhecimento.

Recebido em: 23/11/2001 - Aceito para publicação em: 13/02/2002

Introdução

61

Por muito tempo, ao longo da história do livro e das bibliotecas, as atividades técnicas que hoje constituem o processo de desenvolvimento de coleções, estiveram restritas, de maneira geral, à seleção e aquisição de materiais informacionais para formar e desenvolver coleções em bibliotecas. Em decorrência de sua função primeira, selecionar obras para constituir bibliotecas, é possível afirmar que a seleção seja uma atividade inerente às coleções. Desde os tabletes de argila ao documento eletrônico não há como formar e desenvolver coleções sem se deparar com questões próprias da natureza do processo, tais como o que se vai colecionar, por quê, para quê e para quem colecionar.

O desafio empreendido para alcançar êxito nessa tarefa remonta à história da bibliografia e da biblioteconomia. A Biblioteca da Alexandria é um exemplo bem sucedido na Antigüidade mostrando o resultado da atividade de seleção de obras. Suas coleções representaram o símbolo da liberdade de expressão e de compromisso com a memória social daquele período. Durante a Idade Média, quando a produção bibliográfica dependia exclusivamente do monopólio da reprodução do conhecimento pelos monges, a seleção dos títulos a serem copiados era fruto de uma lógica cristã sobre as escolhas do que deveria ser ou não colecionado. Essa prática certamente influenciou o legado que coube à posteridade.

Apesar de sua importância, somente durante o Renascimento o processo de seleção foi tratado de modo mais sistemático através de Gabriel Naudé em *Avis pour dresser une bibliotheque*, de 1627 (FIGUEIREDO, 1982, p. 1). A relevância desse tratado está no reconhecimento da atividade de seleção enquanto procedimento técnico necessário para se organizarem coleções. Esse tema voltou a ser tratado com mais objetividade somente a partir do século XX, quando o termo *selecionar* já não expressava sozinho toda a complexidade das atividades correlatas necessárias para formar e desenvolver coleções.

Dessa forma, até o fim da Idade Moderna, a lógica praticada era a de se colecionar praticamente tudo o que existia disponível, uma vez que a produção editorial estava ainda em seu estágio inicial. (BROADUS, 1991, p.5). As bibliotecas da era *pré-Gutenberg*, se caracterizam por coleções infinitamente menores em volume, se comparadas com os padrões atuais. Certamente que, essa prática hoje torna-se inatingível e contra-producente. Por isso, essa temática se consolidou somente no século XX. Assim, as atividades de desenvolvimento de coleções constituem a resposta a essa impossibilidade contemporânea devido ao crescente aumento de publicações, o qual culminou com a explosão bibliográfica.

Portanto, o termo *desenvolvimento de coleções* é, conforme explica VERGUEIRO (1993, p. 14), expressão bastante recente na literatura biblioteconômica e ganhou impulso a partir da década de sessenta, quando nos Estados Unidos, apesar dos fortes investimentos em construções de prédios para alocação das coleções, percebeu-se que não era racional adquirir tudo o que era produzido. Após o que VERGUEIRO (1989) denominou de *boom* do desenvolvimento de coleções, o interesse pela área arrefeceu, em detrimento da necessidade de se concentrar esforços técnicos para implementar a automação das bibliotecas e sistemas de informação e dedicação ao processamento técnico das informações.

Os avanços tecnológicos alcançados, sobretudo na área das tecnologias da informação e sua adoção em larga escala pelas bibliotecas do mundo todo, trouxeram de volta a velha problemática da natureza do processo de seleção e organização das coleções seja no ambiente tradicional (ou analógico, como tem sido denominado na literatura), seja no ambiente digital: o que selecionar, por quê, para quem?

Este artigo tem por objetivo analisar dois grandes momentos históricos que influenciaram e consagraram a área de desenvolvimento de coleções enquanto atividade profissional, quais sejam a explosão bibliográfica e o advento da Internet. A partir disso, novos desafios se apresentam tendo em vista a possibilidade de aumentar o controle bibliográfico e de contribuir para a organização do conhecimento registrado.

A explosão bibliográfica

A origem da explosão bibliográfica está relacionada com a invenção da imprensa de *Gutenberg*, em 1448, período marcado pelo florescimento do conhecimento técnico-científico livre dos auspícios da Igreja Católica. Através desse instrumento surgiu a possibilidade de reprodução em série do conhecimento registrado, o que desencadeou, ao longo de seis séculos, o aumento exponencial do volume de publicações editados no mundo.

A importância histórica da invenção da imprensa reside em dois fatos: primeiro a promoção da laicização do conhecimento com a quebra do monopólio da informação, restrita, antes, aos mosteiros e aos castelos da nobreza; e em seguida, como consequência, a possibilidade de aumentar o alcance das descobertas científicas e dos tratados filosóficos através das publicações de cunho científico.

As publicações científicas, especialmente os periódicos (que surgiram por volta do século XVII), são, na acepção de VALÉRIO (1994, p. 89), canais de disseminação do conhecimento cujo objetivo é atingir os interlocutores nacionais e internacionais, condição básica para que as revistas contribuam para o avanço do conhecimento.

As *coleções* passaram, então, a ser um produto resultante das necessidades institucionais e, conseqüentemente, de seus clientes internos e externos. Aquele modelo de bibliotecas centrado no armazenamento para fins de preservação do conhecimento, deu lugar a novo modelo baseado no acesso às informações de interesse a partir de estoque ilimitado de conhecimento (EVANS, 2000; ROWLEY apud VERGUEIRO, 1997, p. 101).

De acordo com VERGUEIRO (1997, p 102), esse modelo não está somente baseado em critérios de custo-benefício, mas, sobretudo, em políticas de seleção, aquisição, avaliação e descarte onde são consideradas, também, desde as características inerentes ao campo de conhecimento no qual a seleção ocorre, às particularidades específicas dos clientes e do próprio ambiente no qual os serviços de informação se localizam.

Através da aplicação dessas políticas obtém-se o núcleo básico da proposta institucional do que se pretende alcançar em termos de coleções.

Outra particularidade da influência desse novo modelo diz respeito à introdução de metodologias e abordagens que passaram a fazer parte das atividades relacionadas ao desenvolvimento de coleções: de um lado, atividades técnicas específicas da área de biblioteconomia como avaliação de coleções e estudo de usuários, e descarte de itens, elaboração de políticas específicas para orientação das tomadas de decisão; de outro, a associação de áreas correlatas, em especial oriundas da administração de empresas tais como planejamento estratégico, organização e sistemas de informação, *marketing*, contabilidade e controle gerencial, logística, operações e tecnologia. Desenvolver coleções é, portanto, uma atividade técnica comprometida com a sistematização de determinada área sob o enfoque institucional em relação aos interesses de quem mantém a biblioteca. Trata-se da construção de um pequeno núcleo temático em bases definidas e determinadas, o qual dá sentido ao que está disperso no mundo caótico das informações. Em outras palavras, desenvolvimento de coleções é uma disciplina que procura organizar o conhecimento registrado sob enfoques e filtros específicos – uma solução técnica desencadeada pela explosão bibliográfica.

Com o advento da Internet, a disciplina desenvolvimento de coleções volta a ser o centro das atenções dos profissionais da informação. O cenário configurado pelos recursos informacionais em meio eletrônico *online* vem consolidando novas metodologias e soluções constituindo o segundo grande momento para a área conforme será visto no próximo item.

Advento da Internet e os desafios

Quase cinco décadas após o ápice da explosão bibliográfica, o novo modelo de biblioteca baseado no acesso encontra sua legitimação no advento da Internet, especificamente através do documento eletrônico. A adoção das tecnologias da informação em bibliotecas, certamente revolucionou todos os processos e atividades bibliotecárias, sedimentando a hegemonia desse novo modelo. No entanto, é o documento eletrônico que proporciona sua consagração, possibilitando oportunidade favorável para a consolidação da área de desenvolvimento de coleções.

As questões discutidas pela sociedade em torno de sua relação com o documento eletrônico facilitaram a compreensão da importância do processo de desenvolvimento de coleções para a organização de bibliotecas analógicas e digitais. O cerne da questão consiste em que, enquanto novo formato de registro da informação, o documento eletrônico não difere em nada dos demais quando pensado enquanto mais um suporte do conhecimento registrado, não fossem duas características que lhe são fundamentais como: a grande capacidade de armazenamento e a facilidade de manipulação de dados. Não há precedente na história da humanidade de um formato de registro da informação que ofereça tantos recursos de edição e recuperação de dados em questão de segundos e, o que é mais importante, sem a necessidade de deslocar-se fisicamente para obtê-los. Basta dispor-se da infra-estrutura necessária para se conectar à Internet, como um microcomputador com modem, uma linha telefônica, *softwares* apropriados para este fim e um provedor (WEITZEL, 2000).

Embora várias trombetas tenham anunciado o fim da biblioteconomia e do livro no início da década de noventa, hoje é possível perceber-se que foram precisamente essas inovações que impulsionaram a área de desenvolvimento de coleções, adicionando *mais fermento* para o campo de estudo. Uma das conseqüências diretas do impacto tecnológico na área está refletida nas preocupações de profissionais da informação, de modo geral, e em especial de pesquisadores e usuários da Internet, em relação à natureza do documento eletrônico. As suas vantagens sobre os demais formatos podem desencadear grandes desvantagens, se mal administradas. As possibilidades de manipulação dos dados através da alteração do conteúdo expõem a informação à sua perda, seja por violação, uso inadequado dos recursos do *software* e *hardware* ou por vida útil do formato.

Essas preocupações suscitaram discussões em torno do consumo de documentos eletrônicos, que fizeram ressurgir na sociedade questões a respeito dos direitos autorais, da qualidade dos conteúdos veiculados, da longevidade e da segurança dos meios de armazenamento. Essas são, na verdade, preocupações que sempre permearam as atividades técnicas dos bibliotecários responsáveis pelo desenvolvimento de coleções. Por isso, os bibliotecários devem sempre acompanhar, e de preferência, participar das iniciativas concretas organizadas pela sociedade civil, tais como fóruns de discussão específicos, visando a elaboração de políticas, normas e legislação.

No entanto, outras influências de caráter mais técnico que político estão surgindo para a transformação da área de desenvolvimento de coleções, apresentando grandes desafios para aqueles que abraçaram a tarefa de formar e desenvolver coleções, sejam analógicas ou digitais. CUNHA (1999, p. 260) acredita que empresas comerciais substituirão as bibliotecas caso não promovam a *integração, em larga escala, das fontes eletrônicas aos acervos e serviços da nova biblioteca*, sobretudo para gerenciar a informação que está alocada em outros lugares. Trata-se, portanto, de um esforço multidisciplinar que conjuga as necessidades de se buscar soluções tecnológicas e de parcerias entre instituições comprometidas com a geração, produção e disseminação do conhecimento para promover essa integração e atender a esse novo desafio para a área de desenvolvimento de coleções. Certamente que, devido à sua complexidade, serão soluções construídas à longo prazo, cujos resultados contribuirão para o aumento do controle bibliográfico das informações.



Conclusões

O processo de desenvolvimento de coleções tem suas origens na Antigüidade, através da seleção de obras destinadas a formar coleções em bibliotecas. A grande retomada da área teve seu marco a partir da segunda metade do século XX, em decorrência do ápice da explosão bibliográfica, quando, pela primeira vez, é questionado o modo de se formarem coleções com base na acumulação, em detrimento da seleção orientada para a qualidade, relevância, e acesso à informação. Novas metodologias, técnicas e procedimentos foram incorporados para fomentar esse novo enfoque, caracterizando o modelo de biblioteca baseado no acesso.

Na busca de soluções estratégicas para atender a essa clientela, bem como para resolver conflitos decorrentes das novas relações que a Internet desencadeou em todas as esferas do fazer humano, o novo modelo de biblioteca centrado no acesso foi acompanhado de gradual mudança de atitude por parte dos bibliotecários em relação às coleções. Com o advento da Internet, a introdução do documento eletrônico acelerou esse processo e estimulou a aplicação de políticas voltadas para a qualidade e pertinência das áreas. Portanto, em sentido mais prático, as técnicas e metodologias da área de desenvolvimento de coleções têm apresentado soluções para administrar conflitos entre demandas e necessidades, bem como restrições de recursos em nível local.

Do ponto de vista teórico, os dois grandes momentos apresentados são fundamentais e se complementam para explicar a importância do processo de desenvolvimento de coleções para a organização do conhecimento. Assim como o fenômeno da explosão bibliográfica delineou cenário favorável ao florescimento da área de desenvolvimento de coleções, alterando o paradigma centrado no armazenamento para o acesso, o advento da Internet, que num primeiro momento legitima esse novo modelo, reproduz hoje a explosão informacional em meio digital de modo instantâneo. Esse novo fenômeno suscita, por um lado, questionamento a respeito da perenidade das coleções digitais disponíveis na Internet e sua influência no conhecimento científico consagrado. Por outro, reforça a importância do processo de desenvolvimento de coleções enquanto instrumento para identificar, selecionar e categorizar o conhecimento registrado disperso no mundo da informação.

Em resumo, a área de desenvolvimento de coleções vem, ao longo de sua história, apresentando soluções locais para lidar com a dispersão do conhecimento. Cada grupo social delimita sua ação dentro do campo científico específico e suas coleções representam as características institucionais e legítimas desse grupo.

Atualmente um novo desafio se configura na área de desenvolvimento de coleções: como promover a integração das fontes eletrônicas às coleções e serviços do que pode vir a ser um novo modelo de biblioteca baseado no acesso e na organização do conhecimento registrado? Como fazê-lo em larga escala, considerando todas as especificidades de cada área? Algumas iniciativas importantes ilustram essa idéia, sobretudo em áreas mais consolidadas, tais como a física e a astronomia, através de serviços como o *SINBAD Astronomical Database* e o *NED (NASA/IPAC Extragalactic Database)*. No entanto, a integração propriamente dita conforme CUNHA (1999) prenuncia, considera também a necessidade de se buscar soluções em larga escala. Provavelmente, a resposta está relacionada com ações coordenadas de

parcerias entre instituições congêneres, tais como universidades e sociedades científicas representativas de cada campo do saber, com o objetivo de conjugar esforços no sentido de construir portais do conhecimento reunindo coleções e serviços. Nessa tarefa, a área de desenvolvimento de coleções será o instrumento fundamental para viabilizar a construção desses portais possibilitando, também, o mapeamento do conhecimento registrado. Essas iniciativas, sob enfoques mais amplos e pretenciosos certamente contribuirão para o controle bibliográfico em larga escala e, sobretudo, para a organização do conhecimento registrado vigente.

This study analyzes two main points on collection development, responsible for its origin since Antiquity period and its rescue in the last five years: bibliographic explosion and the advent of Internet, respectively, as well its importance to knowledge organization.

Key-words: *Collection development, Bibliographic control.*

Referências

- BROADUS, Robert N. The history of collection development. In: OSBURN, Charles B.; ATKINSON, Ross (Ed.). *Collection management: a new treatise*. Greenwich, Connecticut: JAI Press, 1991. p. 3-28.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999.
- EVANS, G. Edward. *Developing library and information center collections*. 4th ed. Englewood: Libraries Unlimited, 2000.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes. Seleção de livros. In: MACHADO, Ubaldino Santos (Ed.). *Estudos avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Brasília: ABDF, 1982. v. 1, p. 1-48.
- LANCASTER, F. W. *Avaliação de serviços de bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.
- ROBREDO, Jaime; CUNHA, Murilo B. da. *Documentação de hoje e de amanhã*. 2. ed. ver. ampl. Brasília, 1986. 400 p.
- VERGUEIRO, W. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis, 1989.
- _____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n.1, p. 13-21, jan./abr. 1993
- _____. O futuro das bibliotecas e o desenvolvimento de coleções: perspectivas de atuação para uma realidade em eferescência. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 1997.
- WEITZEL, Simone R. Critérios para seleção de documentos eletrônicos na Internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., Porto Alegre, 2000. *Anais...* Porto Alegre: PUCRS, 2000.

